

## Ovídio e a literatura inglesa: recepção e apropriação

(Ovid and the English Literature: Reception and Appropriation)

Renata Barbosa Cerqueira  
Universidade Estadual Paulista  
[renata7barbosa@hotmail.com](mailto:renata7barbosa@hotmail.com)

Recibido: 29/11/2017  
Evaluado 04/12/2017  
Aceptado: 07/12/2017

### Resumen

Ovídio é um autor latino que vem se destacando em variados momentos históricos por sua facilidade em compor versos, bem como, pela maneira de transmitir os mitos e costumes dos antigos. Tem sido interpretado também como autor mundano que se faz presente na crítica, e nos estudos literários clássicos. Desde autores medievais até pintores, poetas e dramaturgos contemporâneos inspiraram-se em suas obras para compor produções artísticas. Contudo, Ovídio foi uma referência não assumida entre os vitorianos, devido ao contexto moral e cultural do período. Nesse sentido, este artigo tem como proposta tratar da recepção e apropriação de Ovídio na literatura inglesa.

**Palavras-chave:** Literatura Vitoriana, Antiguidade Clássica, Ovídio, Recepção, Apropriação.

### Abstract

Ovid is a Latin author who has been standing out in several historical moments for his facility in composing verses, as well by his way of transmitting the myths and customs of the ancients. He has also been interpreted as a mundane author who is present in criticism and in the classic literary studies. From medieval authors to contemporary painters, poets and dramaturges were inspired by his works to compose their artistic productions. However, Ovid was an unassuming reference among the Victorians, due to the moral and cultural context of the period. In this sense, this article has as proposal to deal with the reception and appropriation of Ovid in English literature.

**Keywords:** Victorian Literature, Classical Antiquity, Ovid, Reception, Appropriation.

Ele era evidentemente abençoado pela *Heroides*, mas satisfeito com *Amores*. *Da Ars* disse ele: “O melhor de Ovídio”. O *Fasti* foi quase demais para ele, no *Tristia* ele encontrou um conjunto de poemas muito melancólico. Com *Metamorfoses*, apesar de tudo ser muito bem incluído, ele ficou decepcionado com a primeira leitura, embora tenha gostado mais de uma segunda leitura compenetrada<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Opinião de Macaulay sobre Ovídio segundo seu biógrafo. G. O. Trevelyan, *Life and Letters of Lord Macaulay*, London, (s.e) 1908, p. 725.

---

Publius Ovidius Naso, autor latino, importante representante da poesia elegíaca, têm influenciado sobremaneira a produção artística e literária desde o século I. Pintores, escultores e poetas têm buscado inspirações em sua produção desde a Idade Média, com grande influência no Renascimento e séculos posteriores. Nas palavras de Christopher Martin,

Ovídio aprendeu a falar Inglês no século XIV. Ele, desde então, desenvolveu e manteve uma fluência impressionante. Mesmo durante esses poucos momentos históricos, quando sua reputação se arruinou, Ovídio tem animado a força poética de um público Inglês ansioso para introduzir o seu latim em linguagens contemporâneas.<sup>2</sup>

Em seu prefácio, o autor afirma que a política exigiu várias omissões estranhas. Uma vez que alguns dos nossos autores mais profundamente "Ovidianos" oferecem pouco, se podemos qualificar desta forma, Donne e Milton estão conspicuamente ausentes, enquanto outros como Shakespeare e Spenser são apenas representados. *A Midsummer Night's Dream*, do primeiro, *The Faerie Queene's* e *Mutability Cantos*, do segundo, *Eloise to Abelard* de Pope ou as passagens do *Don Juan* de Byron podem muito bem transmitir uma melhor percepção do estilo e características de Ovídio do que algumas das interpretações mais literais. Ovídio, no entanto, sobreviveu intacto. O século XX - um momento em que o relativismo cultural e filosófico ganhou ascendência - respondeu com nova urgência de imagens sobre Ovídio, como a da mutabilidade, deslocamento, atrocidade e esperança. Provavelmente, sempre haverá uma certa tensão no que diz respeito à sua recepção. Ovídio permanece para nós uma figura central que se prolonga deliberadamente à margem.<sup>3</sup>

Para entendermos o porquê das diferentes recepções e apropriações do poeta na Inglaterra, será apresentada uma breve biografia de Ovídio, assim como, sua relação com os antigos.

Ovídio nasceu em Sulmona<sup>4</sup>, cidade do Brútio (Abruzzo), região ao norte de Roma, a 13 das calendas de abril, ou seja, em 20 de março de 43 a.C. De família equestre, Ovídio teve por certo tempo o percurso normal e privilegiado que os pais de certa condição

---

<sup>2</sup> Christopher Martin, Preface, *Ovid in English*, London, Penguin Books, 1998,

<sup>3</sup> Idem, p. 24.

<sup>4</sup> "Sulmo mihi patria est gelidis uberrimus undis". "Sulmona, minha pátria, é muito fértil graças às águas gélidas" (Ovídio, *Tristium*, Rio de Janeiro, Organização Simões, 1952, edição bilíngue, trad. A. Velloso, Elegia X do livro IV).

financeira traçavam para fazer ilustres os seus filhos. Foi, com o irmão, encaminhado a Roma para os estudos de gramática e eloquência, e estava destinado a atuar nos tribunais ou na política, ou em ambos. Entregou-se com paixão aos estudos retóricos; o apuro e o refinamento da linguagem, se não lhe serviram para a carreira política (*cursus honorum*), foram-lhe úteis em outro setor, quando se rendeu integralmente à poesia, pela qual sentia irresistível atração.

Terminados os estudos de retórica, realizou uma viagem de instrução a Atenas, com visitas ao Egito e à Ásia Menor, permanecendo quase um ano na Sicília. De regresso a Roma, exerceu algumas magistraturas menores e contraiu o primeiro casamento com uma mulher, o qual foi rapidamente dissolvido; casou-se novamente e depressa se divorciou. Apenas o terceiro casamento do poeta foi longo<sup>5</sup>. Dessa união, teve uma filha, Perilla<sup>6</sup>, poetisa, que, quando Ovídio foi exilado, já era casada e se achava na África, por isso não podia ser informada sobre o pai: *Nata procul libycis aberat diversa sub oris: Nec poterat fati certior esse mei*<sup>7</sup>.

Entrando no círculo de Messala<sup>8</sup>, Ovídio esboçou um poema sobre a gigantomaquia, tema adaptado à sua imaginação, e escrevera uma tragédia, *Medea*, agora perdida, mas muito apreciada no século I d.C. Aos vinte anos, Ovídio se dedicou ao tema que mais o atraía: o amor, e iniciou a composição do seu cancionero amoroso em dísticos, publicado sob o mesmo título de *Amores* que Cornélio Galo adaptara. Começou assim o grande ciclo erótico que compreende toda a poesia da primeira fase ovidiana, e a enorme produção ovidiana em dísticos: só a *Medea*, as *Metamorphosis* e os *Halieutica*, entre todas as obras de Ovídio, não foram escritas em dísticos.

Com Tibulo, Propércio e Ovídio, a literatura latina inaugura, na poesia, um gênero literário. Os poemas metrificados em dístico elegíaco, isto é, compostos de hexâmetro que se alterna com pentâmetro, registram as vozes de um amante-poeta tomado de amor ardente por uma mulher, numa relação tensa, marcada por ciúmes, brigas, infidelidades,

---

<sup>5</sup> E. Paratore, *História da literatura Latina*. Lisboa, Calouste, 1983, pp.501-516.

<sup>6</sup> Algumas fontes sugerem que Perilla seria sua enteada ou sobrinha.

<sup>7</sup> “A filha está ausente, longe, no litoral líbico: não podia estar ciente da minha desventura” (Tradução da autora).

<sup>8</sup> Círculo de Messala foi um círculo de muitos poetas de talento que se reuniam em torno do orador Messala Corvino (64 a.C. – 13 d.C.). Um membro importante desse círculo foi Tibulo, e mais tarde Ovídio. A. Gudeman, *História de La Literatura Latina*, Tradução de Carlos Riba, Barcelona, Editorial Labor, 1952, p. 127. Sobre este mesmo círculo, consultar também: M, Pereira, *Estudos de História da Cultura Clássica II*, Lisboa, Calouste Gulbenkian, 1989, pp.226-235.

reconciliações calorosas, que fazem do amante um ser insatisfeito e infeliz, com o agravante de não poder romper esse círculo.<sup>9</sup> Parece correto afirmar que, na obra *Os Amores* de Ovídio, podem-se encontrar e identificar os elementos fundamentais da ideologia e do código elegíaco. Porém, segundo Leoni, essa obra pretende ser uma imitação das de Tibulo e Propércio.<sup>10</sup>

A *Heroides* e a *Ars Amatoria* são as duas principais obras da primeira fase ovidiana. A primeira trata-se de vinte e uma cartas em dísticos, dezoito delas escritas por mulheres e três escritas por homens; estas últimas (Paris a Helena, Leandro a Hero, Acônico a Cidipe) têm na coletânea uma carta feminina correspondente. As *Heroides* foram iniciadas ao mesmo tempo em que *Os Amores*, se não antes: a elegia II d’*Os Amores* já fala delas como de obra iniciada há tempos e alegremente levada adiante. Depois de ter concluído em *Os Amores* o ciclo da elegia erótica latina de caráter subjetivo, Ovídio voltava às origens, isto é, à elegia como narração de casos célebres de amor. As *Heroides*, de acordo com Paratore, é a obra ovidiana mais digna de atenção, talvez também a mais instrutiva para o gosto moderno,

(...) porque o poeta conseguiu muitas vezes fazer cintilar para nós, no meio da retórica fastidiosa do conjunto, um lívido clarão que ilumina abismos de perversão erótica ou dramas de atormentada sensibilidade feminina: nas suas heroínas, manifesta-se algo das Júlias, das Lívias, das Messalinas, das Agripinas, que ficarão célebres na história dos costumes de Roma com maior ou menor mérito.<sup>11</sup>

Mais tarde, Ovídio compôs o seu tratado poético, sobre os modos de conquistar a mulher, a *Ars Amatoria*, em que a *inventio* (a recolha do material), com que se iniciam os tratados retóricos, corresponde à caça às mulheres belas e o assédio à sua virtude. Foi a obra que levou ao auge a fortuna de Ovídio como “autor mundano” e que fez dele o benjamim dos círculos mais requintados da capital, ao mesmo tempo, representou a contraposição mais audaciosa aos ideais moralistas de Augusto. A “*Ars Amatoria* expô-lo ao ressentimento do *princeps*, que viria a explodir mais tarde.”<sup>12</sup> Por volta do ano 3 d.C., voltou-se para temas de alcance mais amplo, desenvolvidos nas suas duas obras de maior empenho: as *Metamorphosis* e os *Fastos*.

---

<sup>9</sup> Ovídio, *Os Remédios do Amor. Os Cosméticos para o Rosto da Mulher*, tradução, Antônio da Silveira Mendonça, São Paulo, Nova Alexandria, 1994, p. 12.

<sup>10</sup> G, Leoni, *A Literatura de Roma*. São Paulo, Livraria Nobel S/A, 1958, p.84.

<sup>11</sup> Paratore, op. cit, p. 507.

<sup>12</sup> Idem, p. 510.

De acordo com Augusto Velloso<sup>13</sup>, Ovídio estava no auge de seus triunfos literários, gozava da simpatia de César, quando no ano IX da era cristã<sup>14</sup>, já quinquagenário, foi desterrado para Tomos. Segundo o autor, Tomos estava no Ponto Euxino, país dos getas e sármatas, nos confins do Império Romano.<sup>15</sup> Não há certeza da verdadeira causa da condenação de Ovídio ao exílio, e o próprio poeta não a esclarece, fazendo vagas alusões, atribuindo-a ora à publicação d'*A Arte de Amar* ora a um erro, a uma imprudência ou indiscrição, ora a um outro motivo que julgou dever silenciar:

Perdiderint cum me duo crimina, Carmen et error.  
Alterius facti culpa silenda mihi.<sup>16</sup>

Não é verossímil que a publicação de sua obra *Ars Amatoria* tenha sido a causa de sua condenação ao desterro, pois fora publicada doze anos antes e durante todo esse tempo não foi julgada por Augusto como obra criminosa, declarando na elegia I do livro II que a punição de um livro antigo apareceu muito tarde e que o castigo estava muito distante do tempo da falta:

Sera redundavit veteris vindicta libelli;  
Distat et a Meriti tempore poena sui.<sup>17</sup>

Presume-se que Ovídio surpreendera cenas do que se considerava “uma devassidão” de Augusto ou de membros da família imperial e indiscretamente as revelara a muitas pessoas. É mais plausível ter sido essa a causa do desagrado a Augusto, pois lamenta ter visto qualquer coisa e ter conhecido uma culpa grave de alguém:

Cur aliquid vidi? Cur noxia lumina feci?  
Cur imprudenti cognita culpa mihi est?<sup>18</sup>  
Inscia quod crimen viderunt lumina, plector.<sup>19</sup>

<sup>13</sup> Tradutor de *Tristium*, Rio de Janeiro, Organizações Simões, 1952, p. 11.

<sup>14</sup> Autores como Paratore indicam o ano VIII da Era Cristã.

<sup>15</sup> *Jam mihi canities, pulsus melioribus annis / Venerat; antiquas miscueratque comas: Cum maris Euxini positos ad laeva Tomitas / Quaerere me laesi Principis ira jubet.* Já se embranqueceram meus cabelos, misturando-se aos antigos / Já se foram meus melhores anos, desde que a ira do príncipe ofendido ordenara dirigir-me para junto dos habitantes de Tomos, situada à esquerda do mar Euxino” (Ovídio, *Tristium*, 1952, Elegia X do livro IV, tradução da autora).

<sup>16</sup> “Perderam-se dois crimes, poesia e insensatez de um dos quais a culpa devo calar” (Tradução da autora; *Ars Amatoria*, Elegia I, livro II).

<sup>17</sup> “Demorou a vir o castigo do livro há tempo conhecido. / Dista a pena do tempo quando (em que) foi merecida” (Tradução da autora; *Ars Amatoria*, Elegia I, livro II).

<sup>18</sup> “Por que vi algo (que não devia ver)? / Por que tornei culpados meus olhos? / Por que cheguei a conhecer uma culpa da qual não tinha conhecimento? (Tradução da autora; Elegia I, livro II).

<sup>19</sup> “Sou castigado porque, sem eu saber, meus olhos viram um crime” (Tradução da autora; Elegia V, livro III).

No entanto, alguns de seus biógrafos atribuem o banimento de Ovídio para Tomos a seus amores com Julia, filha do imperador a qual também foi exilada logo após a partida do poeta. Porém, a versão oficial<sup>20</sup> menciona razões de moralidade pública – isto é, as obras do poeta, que na verdade não seguiam o programa de restauração moral desejado e em grande parte executado por Augusto.

Durante a longa viagem ao seu exílio, Ovídio compôs o *Íbis*, pequeno poema em 322 dísticos (que plagia nome e forma de Calímaco)<sup>21</sup> contra um detrator que destruía a sua fama servindo-se da sua desgraça. Da mesma forma, durante a viagem, foram compostos os dois primeiros livros de *Tristium*, em dísticos, que constitui quase toda a terceira e última parte da produção ovidiana. Essa obra é inteiramente dedicada a suplicar piedade e a solicitar permissão para regressar a Roma.

Ao chegar a Tomos, Ovídio continuou a composição dos *Tristium* ao mesmo tempo que terminava a composição de três livros das *Epistulae ex Ponto*; tanto os *Tristium* como as *Epistulae* são escritos em dísticos. O quarto livro das *Epistulae ex Ponto* foi publicado depois da morte do autor. Entretanto, no ano quatorze, morrera Augusto: Ovídio, concentrado na sua esperança ilusória de regresso, esperava obter o perdão de Tibério. Depois de ter composto um carne, agora perdido, para a morte de Augusto, procurou pôr a sua veia poética ao serviço dos familiares do *princeps*. Ovídio tinha aprendido também a língua gética, falada no território da sua relegação; nela compôs um carne que celebrava a divindade de Augusto e as pessoas de Livia e Tibério; recomeçou a trabalhar nos *Fastos* com a intenção de os dedicar a Germânico, o grande general filho de Druso e filho adotivo de Tibério, mas só pôde fazer a revisão do primeiro livro. Entretanto, enquanto visitava as margens do Mar Negro, aprendera a observar os costumes dos peixes e dos pescadores daquela zona, e começara a escrever um pequeno poema em hexâmetros sobre o assunto, *Halieutica* - descoberto por Sannazaro na França, no códice que agora se chama *Vindobonensis* -, um fragmento de 134 versos, que não sabemos se constitui a única parte composta pelo poeta. São Jerônimo atestamos que Ovídio morreu em Tomos, no ano 17 d.C., mas alguns<sup>22</sup>, baseados em indicações do livro I dos *Fastos*, como o poeta o reviu, e na própria dedicatória da obra, propunham a necessidade de assinalar a data da morte no ano seguinte. De acordo com

---

<sup>20</sup> Leoni, op. cit, p. 85.

<sup>21</sup> Paratore, op. cit, p. 512.

<sup>22</sup> Paratore não indica quem são as pessoas.

---

Paratore, as obras compostas ou revistas durante a rejeição chegaram até nós, exceto o primeiro poema em língua gética, porque Ovídio providenciava que fosse enviado a Roma, esperando ser um estímulo para o seu regresso. Nem morto o poeta teve a consolação de voltar a Roma como nos *Tristium* havia sonhado. São Jerônimo comunica-nos que foi sepultado em Tomos, onde tradições medievais asseguram que os getas lhe erigiram um túmulo.<sup>23</sup>

### ***Ovídio e os antigos***

Desde o início do período republicano romano, desenvolveu-se uma cultura política com base nas relações de tipo patriarcal, as quais se consolidaram com o desenvolvimento do poder pessoal militar em torno da figura do *princeps*. A partir de Otávio Augusto, a posição retora desse *princeps* na sociedade romana estava baseada nos antigos princípios que regulavam as relações sociais republicanas. No entanto, a expansão do império, o aumento do fluxo de dinheiro e do luxo, a influência da cultura helenística e a liberação feminina estariam entre as causas da desmoralização dos costumes romanos do final da república e início do império. Roma transformara-se na capital da festa e do prazer, ocasionando o aumento dos divórcios e dos adultérios. Nesse processo, a mulher aristocrática tornara-se mais liberada e desejosa de sua satisfação sexual, o que, em conjunto com os demais acontecimentos, provocara reflexos “negativos” sobre o matrimônio.

Lourdes Feitosa (2005) afirma que nos aspectos gerais, essas teses apoiam-se em uma concepção weberiana da sociedade romana, na qual os comportamentos são definidos e avaliados a partir de uma norma considerada válida para todos os indivíduos da sociedade. São utilizadas noções gerais de “homem” e “mulher” e a aceitação de um modelo homogêneo de cultura baseado em textos aristocráticos romanos e/ou em conceitos morais atuais. Tais nortes teóricos justificam o uso de expressões como ato sexual “normal”, “decadência moral”, “permissividade”, “imoralidade”. Segundo a autora, fundamentados em tais princípios, esses autores reputam que o fim dessa “degradação” e a correção e moralização dos costumes sexuais romanos teriam ocorrido com a influência do estoicismo e, posteriormente, com o cristianismo.

---

<sup>23</sup> Idem, p. 514.

---

Seguindo a mesma linha de análise, Manuel Rolph Cabeceiras<sup>24</sup> identifica que, nesse período, reconhecido como possuidor de uma conjuntura específica denominada de “conjuntura cícero-augustana”, os comportamentos, atitudes e valores, ou seja, os padrões morais dos romanos passaram a ser trazidos ao público. Outra característica seria o aceleramento daquilo que o autor designa como uma profunda mutação mental. Segundo

ele, o termo é tomado de empréstimo a Vernant<sup>25</sup> em decorrência da Nova História Cultural não dispor de uma palavra para cobrir o conjunto de fenômenos os quais pretende indicar, e que teriam iniciado com a expansão do domínio romano para além-Itália e a partir dos contatos de Roma com o oriente helenístico. Essa mutação mental seria claramente percebida “em nível dos comportamentos e das concepções morais, a exemplo do matrimônio”<sup>26</sup>.

Para os juristas do império, o encontro dos sexos comandava todo o encadeamento institucional; nele o direito civil reuniu-se ao direito natural, dado que da existência das espécies vivas derivava “a união do macho e da fêmea a que nós, os juristas, chamamos casamento”<sup>27</sup>. Segundo Thomas<sup>28</sup>, quando o jurista Modestino, pela mesma época, tentava formular uma definição do casamento, começava por remeter para a *coniunctio maris et feminae*, que subordinava todas as uniões particulares à universalidade do encontro dos dois gêneros e fundamentava a legalidade do seu próprio acontecimento na instituição original que elas reproduziam no tempo.

No entanto, tendo em vista a concepção do casamento por parte dos teóricos citados, encontramos uma visão diametralmente oposta nos versos de Ovídio. A *Ars Amatoria*, que, a princípio, parece apenas um manual do perfeito sedutor destinado a fornecer armas ao caçador de prazer, transformasse pouco a pouco e se enriquece à medida que os sentimentos que descreve ganham profundidade. Além das coqueteiras e dos jogos galantes, nasce o amor. Já não se procura o prazer em si, mas a partilha:

---

<sup>24</sup> Manuel Rolph V. Cabeceiras, “Representações Culturais e publicização da vida social na literatura latina: a mulher e o amor no “*Corpus Ovidianum*”. *Phoënix*, Rio de Janeiro, Sette Letras, n. 1, 1998, pp. 287-298.

<sup>25</sup> Jean Pierre Vernant, “Fronteiras do Mito” In: FUNARI, P. P. A. (Org.). *Repensando o Mundo Antigo*. Campinas, IFCH/Unicamp, 2002, n. 47, p. 9-24, (Coleção Textos Didáticos).

<sup>26</sup> Cabeceiras, op. cit. 298.

<sup>27</sup> Ulpiano, apud Yan Thomas, “A Divisão dos Sexos no direito Romano”, In, George Duby, & Michelle Perrot, *História das Mulheres no Ocidente: Antiguidade*. Tradução de M. H. Cruz Coelho. Porto: Afrontamento, 1990, p. 127-202. v. 1, p. 130.

<sup>28</sup> Thomas, op. cit. p. idem.

Nasce o prazer naturalmente e não  
duma artificial provocação.  
Para que jorre a fonte do prazer  
É necessário que o homem e a mulher  
Igualmente o partilhem<sup>29</sup>.

A poesia de Ovídio pode ser considerada erótica para alguns e indecente para outros. No entanto, aos poucos, Ovídio descobre e revela a seus leitores que, quando combina ternura e gratidão, o amor basta para preencher uma vida e criar entre duas pessoas um laço duradouro; ou seja, um casal deveria aliar uma compreensão mútua à atenção constante e confiar mais no prazer para garantir a estabilidade do casamento. Dessa forma, seriam amantes e, conseqüentemente, mais felizes. As convenções da moral romana impediam Ovídio de proclamar isso, que, para ele, parece uma verdade da experiência, mas é a lição que se destaca de toda a sua obra<sup>30</sup>.

Nas palavras de Pierre Grimal<sup>31</sup>:

nisso consistia a imoralidade de Ovídio, e não na intensidade ou na indecência de suas descrições. Ele revelava a seu século o que este confusamente já havia percebido: que não há um amor “permitido” e amores “tolerados”, mas que o amor, como Virgílio escrevera depois de Lucrécio, é o ‘mesmo para tudo o que vive’, que a paixão tem raízes em seu próprio ser e não é uma doença ou uma vergonhosa aberração.

Contudo, a ideologia imperial apoiava-se na antiga moral e nos costumes retomados do período republicano por Augusto. Autores considerados tradicionais no que diz respeito à tendência filosófica e moral, a exemplo de Cícero, anterior a Ovídio e a Sêneca, este posterior a Ovídio, fazem observações sobre a dissolução de costumes gregos e romanos. Como exemplo, tem-se esta passagem de Cícero<sup>32</sup>:

Desse modo procuravam afirmar as raízes do pudor. Em compensação, entre os gregos, que exercícios tão absurdos os de seus ginásios, que ridícula preparação para os trabalhos da guerra, que lutas e que amores tão livres e dissolutos! Passo por alto. Eléia e Tebas, onde era autorizada a mais libidinosa e absoluta licença. Os próprios lacedemônios, concedendo tudo nos amores da juventude, exceto o estupro, levantaram apenas uma débil muralha entre o que toleravam e o que proibiam; permitir reuniões noturnas e todo gênero de excessos era querer deter um rebanho com um lenço.

---

<sup>29</sup> Ovídio, *Arte de Amar*, Edição Bilingue, Tradução de Natália Correia e David Mourão Ferreira, São Paulo, Ars poética, 1997, II, versos 683-692.

<sup>30</sup> Renata C. Barbosa, *Sedução e Conquista: a amante na poesia de Ovídio*, 2002, 158 f. Dissertação Mestrado em História – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002, p. 123.

<sup>31</sup> Pierre Grimal, *O Amor em Roma*, Tradução de Hildegard Fernanda Feist, São Paulo, Martins Fontes, 1991, pp: 163-164.

<sup>32</sup> Cícero, Livro IV, 3 em *Da República*. Tradução de Amador Cisneiros. São Paulo: Atena Editora, [s.d.].

Cícero reprova claramente o que ele chama de “comportamento libidinoso” e “todo o tipo de excesso”, o que era esperado de um autor com influências estoicas e fortes valores morais. No livro V, ele argumenta a respeito das antigas instituições, bem como da República Romana:

sem nossas instituições antigas, sem nossas tradições veneradas, sem nossos singulares heróis, teria sido impossível aos mais ilustres cidadãos fundar e manter, durante tão longo tempo, o império de nossa República. Assim antes da nossa época, vemos a força dos costumes elevar varões insignes, que por sua parte procuravam perpetuar as tradições dos seus antepassados. Nossa idade, pelo contrário, depois de ter recebido a República como uma pintura insigne, em que o tempo começara a apagar as cores, não só não cuidou de restaurá-la, [...] como nem mesmo se ocupou em conservar pelo menos o desenho e os últimos contornos. Que resta daqueles costumes antigos, dos quais se disse terem sido a glória romana? [...]. Nossos vícios, e não outra causa, fizeram que conservando o nome de República, a tenhamos já perdido por completo.<sup>33</sup>

Esses valores e princípios citados por Cícero possuem forte influência estoica.<sup>34</sup> Teorizado por Crisipo, tinha uma visão panteísta do mundo, segundo a qual ele era governado pela providência ou divina razão.<sup>35</sup> Para essa visão, a alma do homem tem uma centelha que lhe permite conhecer e compreender as leis que governam o mundo, e, seguindo-as, torna-se feliz. Porém, o saber é uma condição necessária para alcançar a felicidade, e ser sábio é ser feliz e virtuoso. O homem sábio está livre de afetos e paixões e é temente a Deus. O estoicismo faz parte de um sistema filosófico que teve acolhimento entre os romanos por meio do “círculo dos Cipiões”. De acordo com Pereira<sup>36</sup>, Cipião Emiliano se beneficiou da biblioteca de Perseu, trazida da Macedônia por Paulo Emílio e do magistério de Políbio, prisioneiro de Guerra que se tornou um dos maiores historiadores da Antiguidade. Ligado a Cipião Emiliano e sofrendo sua

<sup>33</sup> Cícero, [s.d.], Livro V, I.

<sup>34</sup> Segundo a autora, o Estoicismo dividi-se tradicionalmente em três períodos: Estoicismo Antigo (séculos III e II a.C), no qual essa filosofia se constitui pelas contribuições de Zenão de Cítio (332-262 a.C), Cleantes de Assos (312-232 a.C.) e Crisipo de Sólis (272-204 a.C.); estoicismo médio (séculos II e I a.C.), representado por Panécio (185/180 – 100 a.C.) e Possidônio (140-130 – 59-40 a.C.), os quais introduziram o estoicismo em Roma; e o estoicismo romano ou imperial (até o séc. II d.C.), ligado a quatro nomes: Sêneca, Musônio Rufo (30 até o final do século I d.C.), Epiteto (50-125/130) e Marco Aurélio (121-180). Lucinane M. Omena, *Pequenos poderes na Roma Imperial: os setores subalternos na ótica de Sêneca*, Vitória, Flor&Cultura, 2009. Mais informações em François Châtelet (Org.), *História da Filosofia: idéias, doutrinas*. A Filosofia Pagã, Rio de Janeiro, Zahar, 1981, v. 1.

<sup>35</sup> Mais informações em François Châtelet (Org.), *História da Filosofia: idéias, doutrinas*. A Filosofia Pagã, Rio de Janeiro, Zahar, 1981, v. 1.

<sup>36</sup> PEREIRA, M. H. da R. *Estudos de História da Cultura Clássica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989, v. II.

influência, esteve todo um grupo de intelectuais, entre os quais, personalidades como Lucílio, o criador da sátira, o comediógrafo Terêncio, além do filósofo Panécio, membro da escola estoica. Segundo a autora, é por essa via que o sistema filosófico - que teve tal acolhimento entre os romanos, podendo-se falar de assimilação - entrou na urbe. No entanto, outro modo de influência, não menos importante e que vai repercutir-se em toda a cultura europeia, é exercido pela obra *Dos Deveres*, de Cícero. Juntamente com o epicurismo, o estoicismo esteve entre os sistemas de maior evidência no período helenístico, ambos fundados no final do século IV a.C., logo após o ceticismo. Sêneca e Marco Aurélio foram seus maiores cultores na época imperial. Segundo Luciane Omena<sup>37</sup>, a filosofia defendida por Sêneca pretendia ultrapassar os limites da eloquência para alcançar a prática da *virtus*. Em suas palavras:

(...) definia pelo bem supremo do espírito humano. Embora existissem várias maneiras de definir filosofia, o pensador a interpretava como sendo o estudo da virtude. Filosofia e virtude eram, portanto, inseparáveis. A piedade, a inveja, o ódio, a rivalidade, a cólera, o amor e o ressentimento eram contradições irracionais da alma. Sêneca propunha o combate desses vícios pelo exercício da virtude, o domínio dos sentimentos e o enfrentamento das vicissitudes com tranquilidade. Felicidade, portanto, era o homem "dotado de reto juízo, feliz; que se contente com seu estado econômico, qualquer que seja, e aprecie o que é de sua posse; feliz quem confia à razão a gerência de toda a vida".<sup>38</sup>

Partindo das informações expostas no decorrer deste artigo, no que diz respeito à opinião de alguns autores clássicos sobre Ovídio e suas obras, que é norteado por valores filosóficos com tendências estoicas, torna-se compreensível a interpretação de Ovídio no século XIX, tendo em vista o fato de os vitorianos e grande parte da cultura ocidental terem se instruído com base na antiguidade clássica. A educação se torna o caminho para essa percepção. A educação clássica e os estudos da língua latina estiveram presentes durante toda a formação do pensamento europeu ocidental. Autores clássicos, ideais republicanos, democráticos, imperialistas e morais foram tratados convenientemente em cada país de acordo com os interesses do momento, assim como a importância dos valores clássicos foram assimilados conforme o ideal almejado: ideal de cavalheiro, de civilidade, e assim por diante<sup>39</sup>. Destarte, Ovídio foi desprezado e

<sup>37</sup> Omena, op. cit. p, 39.

<sup>38</sup> Idem, p. 49.

<sup>39</sup> R. C. Barbosa, *Sexualidade e gênero na Inglaterra vitoriana: A leitura sobre Ovídio*, Londrina, UEL, 2016, pp: 109-119.

colocado em segundo plano pelos vitorianos, no entanto, nunca deixou de estar presente, como será demonstrado a seguir.

### ***Ovídio e a literatura Inglesa***

Dizem-nos que a moda da literatura latina tão importante para o inglês está passando uma melhor compreensão das coisas, pois a literatura grega é a fonte e a origem de quase tudo, o que é melhor em latim, e sua influência hoje é muito mais vital.<sup>40</sup>

Assim se inicia a tese de doutorado de Sybil Rose de 1922, intitulada *Ovid in English Literature*. Este é apenas um dos exemplos que se tem ao analisar a recepção de Ovídio na literatura Inglesa. É quase unânime a opinião dos estudiosos ao afirmarem que ele traduzia melhor o sentido da poesia grega que os próprios autores e poetas gregos. Sua facilidade em escrever versos, assim como sua genialidade na forma de transmitir os mitos e os costumes dos antigos proporcionou interpretações variadas de Ovídio em momentos históricos diversos. No entanto, embora seja verdade que a influência mais profunda e permanente na literatura inglesa e no pensamento inglês em geral seja grega, permanece a verdadeira importância desses escritores latinos em cujo meio, os ideais gregos alcançaram pela primeira vez a literatura do mundo ocidental. Ovídio, em sua própria estima e na de seus críticos, possui um lugar de suprema importância a este respeito. É verdade que suas histórias são de origem grega. Elas são mencionadas em Homero, embora não encontremos nenhum motivo para as metamorfoses e nenhuma descrição delas em sua obra. Em Hesíodo elas desempenham um papel mais importante, mas mesmo assim, mostra pouco além de contornos, segundo a autora. Com as postagens Alexandrinas, essas histórias floresceram; Callimachus, Apollonius, Nicander de Colofon, Parthenius de Nicea se interessaram pela metamorfose por seu próprio bem, e é para eles que Ovídio é particularmente divinizado. Muito do trabalho desses poetas se perderam, no entanto; e muitos a quem Homero, Hesíodo e os outros poetas gregos não eram acessíveis encontraram em Ovídio um ideal de beleza expresso em forma clara e inteligível. “Pois, como o nosso próprio Shakespeare, Ovídio tomou emprestado apenas esboços, que ele preenchia com seu próprio poder inimitável”.<sup>41</sup>

Walter Pater em *Fortnightly Review* 1876 (Vol. XIX) traçou o desenvolvimento do mito

---

<sup>40</sup> T. C. Tucker: *The Foreign Debt of English Literature*, apud, Sybil Rose, *Ovid in English Literature*, Londres, Tese, 1922, p. 1. (Tradução da autora)

<sup>41</sup> S. Rose. *Ovid in English Literature*, Londres, Tese, 1922, p. 2.

de Deméter e Perséfone e, aliás, mostrou a posição de Ovídio em relação a ele, que pode ser tomada como típica. No seu primeiro estágio, era simplesmente como expressão dos fenômenos do mundo exterior: então veio a "fase poética ou literária", quando a história foi sugerida e os detalhes descritivos foram adicionados, até que histórias um tanto diferentes fossem então dadas na *Teogonia* de Hesíodo, e no *Idílio* de Teócrito. Todas as teses foram escritas antes de Ovídio, e ele lidou com o mesmo mito, tanto nas *Metamorfoses* quanto em *Os Fastos*.

Ovídio apresenta muito do que já se conhecia, mas ele acrescenta algo próprio e pela atmosfera de familiaridade que ele introduz, ele enfatiza os fatos, até que nos apresenta "o tratamento mais delicado sobre esse assunto na literatura clássica".

O texto do Hino Homérico não foi encontrado até 1780, e posteriormente em apenas em um manuscrito do século XIV; tão naturalmente, para escritores medievais e isabelinos, a história de Ovídio foi, de longe, a mais acessível.<sup>42</sup>

Quer voltemos para a literatura francesa, alemã, espanhola ou italiana, encontramos o mesmo fato: em algum período de sua história a influência de Ovídio têm sido tão boa, quanto para ofuscar todos os outros, e persistiu tanto tempo que uma "tradição" literária foi desenvolvida, o que finalmente influenciou a Inglaterra também. Contudo, no período vitoriano o contexto religioso, moral e social proporcionou outra recepção no que diz respeito à produção ovidiana.

No decorrer do século XIX, leitores dotados de um "modesto talento" clássico tinham à sua disposição um número crescente de traduções contemporâneas ou reimpressas de clássicos em verso e prosa.<sup>43</sup> A popularização dos livros por meio do desenvolvimento da economia de mercado favoreceu os que sabiam ler e escrever. Nas palavras de Steven R. Fisher<sup>44</sup>,

não é por acaso que os que sabiam ler, ao longo da história, ocuparam as terras mais valiosas do mundo. [...] Sim, porque, acima de tudo, foi a capacidade de ler que deu origem ao homem moderno.

Na Europa do século XVIII, considerada rica, com uma rede bem definida de estradas e rotas de embarcações, a crescente capacidade de ler resultou no Iluminismo, o qual ofereceu ao mundo, entre outras coisas, os três conceitos cruciais do uso livre da razão, do método empírico da ciência e do progresso humano universal. "Porque onde havia

<sup>42</sup> Idem, p. 3.

<sup>43</sup> Norman Vance, *The Victorians and Ancient Rome*, Oxford, Blackwell Publishers, 1997, p.3.

<sup>44</sup> S. R. Fisher, *História da Leitura*. São Paulo: Unesp, 2006, p. 233.

riqueza, havia escolas; onde havia escolas, havia mais instrução; e onde havia mais instrução, rápidos avanços ocorriam em toda área de atuação humana”.<sup>45</sup>

A Revolução Industrial, ao proporcionar riqueza e poder a diversos países, a começar pela Inglaterra, foi também um resultado direto da instrução, ou seja, da leitura. Essa revolução originou-se da sinergia entre produção, riqueza e educação.<sup>46</sup> Apenas as sociedades industriais institucionalizaram a alfabetização da maioria das mulheres e homens. E, como cultura e poderio econômico caminham juntos, as novas potências industriais determinaram o curso do desenvolvimento cultural.

O público leitor do mundo ocidental atingiu uma alfabetização mais disseminada no século XIX. Os progressos na direção da alfabetização da época do Iluminismo continuaram criando novos leitores, sobretudo de jornais e de ficção, que se expandiam rapidamente. De acordo com Martyn Lyons<sup>47</sup>:

Foi a “era de ouro” do livro no mundo ocidental: a primeira geração a alcançar alfabetização de massa foi também a última a ver o livro atuando sem a competição de outros meios de comunicação, como rádio ou a mídia eletrônica do século XX.

No século XVIII, o romance não era considerado uma forma de arte respeitável, mas, no primeiro quartel do século XIX, o seu prestígio se consolidou. Passou a ser a expressão literária clássica da sociedade burguesa. A produção em massa de ficção barata integrou novos leitores aos públicos nacionais consumidores de livros e contribuiu para unificá-los e homogeneizá-los. As mulheres também constituíam uma parte substancial e crescente do novo público leitor de romances. A tradicional diferença entre as taxas de alfabetização masculina e feminina diminuiu e finalmente foi eliminada por volta do fim do século XIX. Essa discrepância sempre fora maior na parte mais baixa da escala social e, possivelmente, mais mulheres do que se imagina eram capazes de ler. Embora as mulheres não fossem as únicas leitoras de romances, elas eram o principal alvo da ficção romântica e da popular. Nas palavras de Martyn Lyons<sup>48</sup>:

A feminização do público leitor de romances parecia confirmar os preconceitos dominantes sobre o papel da mulher e sua inteligência. Romances eram tidos como

---

<sup>45</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>46</sup> “Os países com baixos índices de alfabetização que não conseguiram estabelecer essa sinergia permanecem até hoje defasados”. Idem, *ibidem*.

<sup>47</sup> M. Lyons. Os novos leitores no século XIX: mulheres, crianças, operários, *In*, G. Cavallo; R. Chartier (Org.), *História da Leitura no Mundo Ocidental*, Tradução de Fulvia M. L. Moretto, Guacira Marcondes Machado, José Antônio de Macedo Soares, São Paulo, Ática, 1999, p. 165-202. v. 2, p. 165.

<sup>48</sup> Idem, pp: 171-172.

adequados para as mulheres por serem elas vistas como criaturas em que prevalecia a imaginação, com capacidade intelectual limitada, frívolas e emotivas. O romance era a antítese da literatura prática e instrutiva. Exigia pouco do leitor e sua única razão de ser era divertir pessoas com tempo sobrando. Acima de tudo, o romance pertencia ao domínio da imaginação.

No entanto, os jornais com reportagens sobre eventos públicos pertenciam geralmente ao domínio masculino. Os romances que tratavam da vida interior eram parte da esfera privada a qual eram relegadas as mulheres burguesas do século XIX. Isso representava certo perigo para o marido e para o *pater familia* burguês vitoriano. O romance poderia excitar as paixões e exaltar a imaginação feminina, além do mais, poderia incentivar expectativas românticas que pareciam pouco razoáveis, bem como poderia sugerir ideias eróticas capazes de ameaçar a castidade e a boa ordem. Nesse sentido, o romance do século XIX era associado às supostas características femininas de irracionalidade e de vulnerabilidade emocional. Já no que diz respeito aos livros preferidos pelos homens acadêmicos, letrados, políticos, aristocratas, ou até mesmo operários, os clássicos estavam sempre no topo da lista.

Após o contexto apresentado, afirmamos, assim como Herman Fränkel o fez em 1945, que “Foi somente no séc. XIX que o prestígio de Ovídio caiu a níveis tão baixos”<sup>49</sup>. Para este autor, a aprovação da crítica nunca foi universal e mesmo na antiguidade e nos meados do séc. XVIII, o entusiasmo por Ovídio parece que foi esmorecendo para não dizer deturpado. Em 1770, o jovem Goethe viu que era impossível convencer Herder de que *Metamorphosis* possuía alguma qualidade<sup>50</sup>. Por outro lado, Ovídio continuou a ser parte do que qualquer aluno conhecia, o ponto de partida do aprendizado do início de poesia latina e parte do pensamento da época e sentimentos expressos por escritores e pintores.

No início dos anos de 1800, Benjamim West, Presidente da Real Academia, pintou vários assuntos sugeridos por Ovídio e em 1890, outro presidente da Academia, Lord Leighton, ainda encontrava inspiração em temas Ovidianos<sup>51</sup>. Nas palavras de Norman Vance<sup>52</sup>, “de um *arbiter elegantiae* ele tornou-se um malvisto *éminence grise*, com uma imaginação fértil com que ninguém se sentia inteiramente à vontade”.

---

<sup>49</sup> H. Fränkel, *Ovid, A Poet between Two Worlds*, Cambridge, Cambridge University Press, 1945, pp. 1-2.

<sup>50</sup> N. Vance, *The Victorians and Ancient Rome*, Oxford, Blackwell Publishers, 1997, p. 154.

<sup>51</sup> *Perseus and Andromeda*, obra finalizada em 1891; Vance, op. cit., p. 215.

<sup>52</sup> Op. cit. p. 215.

Parte da dificuldade de se acessar o significado de Ovídio no séc. XIX é que ninguém consegue vê-lo por si só. Sua influência quase sempre é mediada, às vezes por antigas pinturas com elementos Ovidianos como a *Andrômeda* de Polidoro de Caravaggio, que assombrava o jovem Browning<sup>53</sup> ou a *Morte de Pocris* (*Death of Procris*) de Piero de Cosimo que inspirou um poema de Austin Dobson<sup>54</sup>.

Mesmo sem os pintores, outros poetas, tradutores, comentaristas e compiladores sempre se interpunham entre Ovídio e o escritor do sec. XIX. Chaucer, Shakespeare e Milton, Natalie Comes, George Sandys e o Reverendo John Leprière, todos agruparam desconcertantes fileiras de lentes coloridas e espelhos mais ou menos distorcidos em torno de Ovídio. John Keats estudou atentamente o texto latino de Ovídio, mas também tinha a tradução de Sandy em mãos, enquanto o *Pantheon* de Andrew Tooke (1698) e o indispensável dicionário de Leprière, *Dicionário Clássico* (edição de 1806) estavam à disposição para orientá-lo em passagens específicas, as narrativas e imagens que já tinham inflamado a imaginação de seu amado Shakespeare ou Milton. Em termos mitológicos "Nós aprendemos de Ovídio e Lemprière", como Byron coloca, falando com efeito a sua geração<sup>55</sup>.

Sara Mack<sup>56</sup>, ao dirigir seu olhar para algumas qualidades da poesia de Ovídio que o fazem especialmente atraente para a audiência no tardio século XX, afirma que:

Hoje, os leitores podem não estar melhor equipados para apreciar Ovídio do que era um público renascentista ou um público do século XVIII, mas certamente estamos mais em sintonia com os modos e os objetivos de Ovídio do que os leitores vitorianos e do início do século XX. Nessas gerações, foi amplamente assumido que a literatura devia ser "séria" para ser boa. Por conseguinte, Ovídio foi muitas vezes tido pelos estudiosos como trivial. A maioria de nós foi ensinado a considerar os romanos como escritores muito sóbrios, muito sérios que não tinham senso de humor e tinham pouca alegria de viver. (O currículo latino do ensino médio na maioria das escolas ainda reflete essa suposição, e permanece o que tem sido por gerações: as *Guerras Gaulesas* de César, as *Catilinárias* de Cícero e a *Eneida* de Virgílio, todas as obras muito finas, todas as obras muito sóbrias.) Ovídio, quem o faz não se encaixa no molde, raramente é ensinado no ensino médio e não com a frequência que ele merece na faculdade e na pós-graduação, no caso da Inglaterra. Hoje estamos preparados por nossas experiências no teatro e pela nossa leitura para esperar significado, bem como entretenimento em comédia. Estamos preparados para Ovídio.

<sup>53</sup> P. Hogrefe, *Browning and Italian Art and Artists*, Lawrens, Kansas, 1914.

<sup>54</sup> A. Dobson, *Collected Poems*, 5ª ed, London, 1902.

<sup>55</sup> Byron, "Hints from Horace", *The Poetical Works of Lord Byron*, Vol. II, Pomeroy, 1839, pp. 287-335.

<sup>56</sup> Sara Mack, *Ovid*, New Haven and London, Yale University press, 1939, pp. 2-3.

Ovídio pode ser considerado um tema “inesgotável” se levarmos em conta a difusão, recepção, releitura e apropriação de Ovídio durante os séculos. Sua obra se faz presente, como demonstrado, em praticamente todos os períodos de desenvolvimento cultural britânico. Seja como o melhor tradutor das obras clássicas, seja pela sua genialidade na forma de transmitir os mitos e costumes dos antigos, ou, seja, como autor mundano ele se faz presente na crítica, e nos estudos literários clássicos. Nas palavras de Fränkel,

Seu lugar na história da humanidade era entre dois mundos, entre o maravilhoso mundo autônomo da Antiguidade e aquele mais novo, o qual trazia o cristianismo e uma civilização diferente, mas começou com desilusão vazia e muda, confusão desesperada.<sup>57</sup>

## **Bibliografia**

- A. Dobson, *Collected Poems*, 5ª ed, London, (?) 1902.
- A. Gudeman, *História de La Literatura Latina*, Tradução de Carlos Riba, Barcelona, Editorial Labor, 1952.
- A. O. Grafton, “Leitor Humanista”, In, G. Cavallo; R. Chartier, (Org.), *História da Leitura no Mundo Ocidental 2*, São Paulo, Ática, 1999.
- Byron, “Hints from Horace”, *The Poetical Works of Lord Byron*, Vol. II, Pomeroy, 1839.
- Christopher Martin, Preface, *Ovid in English*, London, Penguin Books, 1998.
- Cícero, Livro IV, 3 em *Da República*, Tradução de Amador Cisneiros, São Paulo, Atena Editora, [s.d.].
- E. Paratore, *História da literatura Latina*, Lisboa, Calouste, 1983.

---

<sup>57</sup> Hermann Fränkel, *OVID – A Poet between Two Worlds*, Berkeley and Los Angeles, University of California Press, 1945, p. 163.

François Châtelet (Org.), *História da Filosofia: ideias, doutrinas. A Filosofia Pagã*, Rio de Janeiro, Zahar, 1981, v. 1.

G, Leoni, *A Literatura de Roma*, São Paulo, Livraria Nobel S/A, 1958.

Hermann Fränkel, *OVID – A Poet between Two Worlds*, Berkeley and Los Angeles, University of California Press, 1945.

Jean Pierre Vernant, “Fronteiras do Mito” In: FUNARI, P. P. A. (Org.). *Repensando o Mundo Antigo*, Campinas, IFCH/Unicamp, 2002, n. 47, p. 9-24, (Coleção Textos Didáticos).

Luciane M. Omena, *Pequenos poderes na Roma Imperial: os setores subalternos na ótica de Sêneca*, Vitória, Flor&Cultura, 2009.

M, H. R. Pereira, *Estudos de História da Cultura Clássica II*, Lisboa, Calouste Gulbenkian, 1989.

M. Lyons, “Os novos leitores no século XIX: mulheres, crianças, operários”, In, G. Cavallo; R. Chartier (Org.), *História da Leitura no Mundo Ocidental*, Tradução de Fulvia M. L. Moretto, Guacira Marcondes Machado, José Antônio de Macedo Soares, São Paulo, Ática, 1999, p. 165-202, v. 2.

Manuel Rolph V. Cabeceiras, “Representações Culturais e publicização da vida social na literatura latina: a mulher e o amor no *Corpus Ovidianum*”, *Phoênix*, Rio de Janeiro, Sette Letras, n. 1, 1998, pp. 287-298.

Norman Vance, *The Victorians and Ancient Rome*, Oxford, Blackwell Publishers, 1997.

Ovídio, *Arte de Amar*, Edição Bilingue, Tradução de Natália Correia e David Mourão Ferreira, São Paulo, Ars poética, 1997, II, versos 683-692.

Ovídio, *Os Remédios do Amor; Os Cosméticos para o Rosto da Mulher*, tradução, Antônio da Silveira Mendonça, São Paulo, Nova Alexandria, 1994.

Ovídio, *Tristium*, Rio de Janeiro, Organização Simões, 1952, edição bilingue, trad. A. Velloso, Elegia X do livro IV.

P. Hogrefe, *Browning and Italian Art and Artists*, Lawrens, Kansas, 1914.

Pierre Grimal, *O Amor em Roma*, Tradução de Hildegard Fernanda Feist, São Paulo, Martins Fontes, 1991, pp: 163-164.

Renata Cerqueira Barbosa, *Sedução e Conquista: a amante na poesia de Ovídio*, 2002, 158 f. Dissertação Mestrado em História – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002, p.123.

Renata Cerqueira Barbosa, *Sexualidade e gênero na Inglaterra vitoriana: A leitura sobre Ovídio*, Londrina, Eduel, 2016.

S. R. Fisher, *História da Leitura*, São Paulo, Unesp, 2006.

Sara Mack, *Ovid*, New Haven and London, Yale University press, 1939, pp. 2-3.

Sybil. Rose. *Ovid in English Literature*, Londres, Tese, 1922.

Ulpiano, apud Yan Thomas, “A Divisão dos Sexos no direito Romano”, In, George Duby, & Michelle Perrot, *História das Mulheres no Ocidente: Antiguidade*, Tradução de M. H. Cruz Coelho, Porto, Afrontamento, 1990, p. 127-202. v. 1, p. 130.